

LUIZ MONTEIRO DE BARROS

Contribuição para o esclarecimento
do tema : ———

“ O Espiritismo como Religião ”

- a) *Kardec e o Espiritismo religioso.*
- b) *O Espiritismo como continuação do Cristianismo.*
- c) *Richet opina sobre a necessidade de uma religião.*



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA PELA
FEDERAÇÃO ESPIRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO
São Paulo -- 1953

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



1.8.53

"O Espiritismo como Religião"

“Presente-se e pode-se prever que a religião do futuro será científica, será fundada no conhecimento dos fatos psíquicos. Esta religião da ciência terá sobre todas as outras anteriores uma vantagem considerável a unidade”.

(Flammarion: O Desconhecido e os Problemas Psíquicos).

APRESENTAÇÃO

Mandando imprimir este trabalho a Federação Espírita do Estado de São Paulo tem em mira, mais uma vez, proclamar o seu já conhecido ponto de vista, sobre o caracter do Espiritismo, admitindo-o, prevalescentemente, como religião.

Em 1949 já endossára a tese intitulada — *Prevalencia do Espiritismo Religioso* — destinada aos debates do II Congresso Espírita Pan-Americano, reunido no Rio de Janeiro. Nesse Congresso a tese não chegou a ser discutida por causa da opposição que ali encontrou, desde inicio.

E agora endossa esta outra, aqui muito bem apresentada pelo confrade Dr. Luiz Monteiro de Barros, vicepresidente desta Casa.

Esta tese, que recebeu ampla e sincera acolhida, no plenário do 2.º Congresso Espírita Mineiro, reunido em Belo Horizonte em principios de Outubro findo, representou a contribuição desta Federação ao importante conclave, pela voz de um dos seus mais operosos e competentes diretores.

Mostra assim, esta Federação, sua perfeita coerencia de atitudes em face a materia de tal relevância social — doutrinaria e é de crer que tal gesto sirva de orientação e de estímulo a muitos confrades, ainda não conhecedores perfeitos do assunto, ou vacilantes no admitir a natureza religiosa da doutrina temerosos, talvez, de que se abra, assim, no movimento espírita, campo para a introdução de dogmas, rituais e exterioridades, que não se coadunam com o verdadeiro sentido e finalidade do aspecto religioso do Espiritismo, conforme deixou bem claro o autor deste trabalho. Não será entretanto por esse temor que se deixará de assegurar e proclamar esse caracter religioso. Aliás, basta olhar e vêr: são minoria os advogados do espiritismo científico — filosófico e dominadora a grande massa que aceita e pratica o espiritismo — filosófico-religioso; o povo espírita, em sua quasi totalidade, e independentemente de discussões e verbalismos, sabe muito bem que se trata de uma religião e religião, aliás, já bastante popularizada.

Inuteis se tornam, pois, agora, disputas a respeito, com citações de uma ou outra frases escritas pelo insigne Codificador Kardec, se considerarmos ter ele exarado mais

tarde, e de forma bem clara, este conceito fundamental dentre tudo o quanto disse: que o Espiritismo não é uma religião organizada como as outras.

Ora nós sabemos que todo o trabalho de evangelização exigido por Jesus visa levar o individuo à conquista do Reino de Deus e isto não é esforço exterior mas bem íntimo, do proprio coração; não é atividade de fundo científico mas, viceralmente, de carater religioso.

Por outro lado, negando ao Espiritismo seu carater religioso, vamos expo-lo a sérios riscos porque concorreremos para tirar-lhe grande parte das garantias que a Constituição Nacional lhe assegura; como também, e isto ainda é mais sério, permitiremos que as práticas mediânicas de carater ainda primitivo, que fazem questão de se dizerem espiritas, por motivo de segurança realizem, com o tempo e devido a ignorancia religiosa do povo, uma perfeita substituição, relegando o Espiritismo a práticas esotéricas ou literárias de gabinete, sem a menor repercussão na vida coletiva.

Batendo-nos pelo seu carater religioso prevaescente lhe asseguramos tempo e possibilidades amplas para o cumprimento integral da tarefa que lhe compete realizar no mundo, como o Consolador, o Paraclete enviado por Jesus para a redenção da humanidade planetária.

Por estas considerações e por achar que o trabalho de nosso companheiro resolve com clareza as dúvidas suscitadas por certas expressões do Codificador sôbre o carater religioso do Espiritismo, ao mesmo tempo que demonstra, de forma mais profunda, não ser a doutrina espirita sinão o Cristianismo em ação, esta Federação deliberou fazer sua publicação e difundí-lo em larga escala, para o esclarecimento geral dos meios espiritas e profanos.

CTE. EDGARD ARMOND
Secretário Geral.

M E N S A G E M

Espíritas:

Pelas portas da Ciência e da Filosofia, atingistes o altar da Nova Revelação.

Através de numerosos experimentos, indagastes, quanto aos problemas do ser e do destino, da dor e da morte, e os Espíritos da Luz vos trouxeram a mensagem do Céu, conclamando-vos à sublimação espiritual.

E agora, quando a codificação Kardekiana se avizinha do seu primeiro centenário de existência, compete-nos reafirmar-vos, perante o Segundo Congresso Espírita do Estado de Minas Gerais, que o Espiritismo é a Religião do Amor Universal, sob a inspiração de Nosso Senhor Jesus Cristo, restabelecendo A Verdade em seus fundamentos divinos.

Se a nossa Doutrina Renovadora traduz exaltação da inteligência, é também engrandecimento do coração.

Nossa bandeira é a Boa Nova rediviva.

Nossos centros de estudo são templos de elevação.

Nossas instituições de assistência social representam santuários vivos da fraternidade, onde Jesus é venerado na pessoa dos nossos semelhantes.

Nosso trabalho individual, em favor do bem, na solução das nossas responsabilidades morais, à frente da família e da sociedade constitui o culto diário de nossa obediência às leis do Senhor.

Tanto quanto no Cristianismo primitivo, puro e simples, a caridade para nós não possui privilégios e nem fronteiras e a fé, para manifestar-se não reclama lugares especiais.

Allan Kardec, o Apostolo, foi claro em suas linhas primordiais, na edificação doutrinária.

Nosso programa é — TRABALHO.

Nosso lema é — SOLIDARIEDADE.

Nossa senha é — TOLERÂNCIA.

Agir, ajudar e compreender para fazer, aperfeiçoar e esperar na conquista da vitória com Cristo, Nosso Mestre e Senhor.

Não vos iludais!

Enquanto a Humanidade se mergulha em sombras, na angustiada elaboração do milênio vindouro, guardais convosco a luz soberana do porvir.

O Céu conta convosco, tanto quanto contaís com o Céu.

Não olvideis!

A nossa tarefa não é tão somente aquela da demonstração positiva da sobrevivência do homem além da morte, mas, acima de tudo, é a obrigação de materializarmos, cada dia, a essência dos ensinamentos cristãos em nossas vidas, convertendo o Espiritismo, sob a égide do Evangelho de Jesus, na religião da paz e da Felicidade para o mundo inteiro.

EMMANUEL.

(Página recebida pelo médium Francisco C. Xavier, na Secretaria de Saúde e Assistência, em Belo Horizonte, no encerramento do IIº C. E. M.).

KARDEC E O ESPIRITISMO RELIGIOSO

O Espiritismo como Religião

Diz Kardec: "O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações" ("O que é o Espiritismo").

Por essa definição e por mais alguns conceitos ou expressões contidas em "O que é o Espiritismo", se não se atentar para o espírito da letra, fica-se com a impressão de que o Espiritismo não é Religião. Tal impressão é, porém, profundamente falsa e o objetivo deste trabalho é, exatamente, demonstrar essa falsidade, concorrendo assim para colocar no seu verdadeiro conceito a Doutrina Espírita, através das palavras do Codificador acerca do seu aspéto religioso, ainda obscuras para certos crentes e para muitos leigos.

Iniciemos essa tarefa pelo estudo sintético da codificação Kardeciana, a fim de perceber-lhe o sentido verdadeiro e depois, então, voltemos ao "O que é o Espiritismo", que foi a fonte geradora dessa confusão para os espíritos mal prevenidos; assim interpretaremos o verdadeiro sentido das palavras de Kardec, ali registradas.

A codificação se compõe de vários livros.

1.º "O Livro dos Espíritos".

É o seu livro básico; é o fundamento filosófico da Doutrina espírita, isto é, da Doutrina revelada pelos espíritos desencarnados. Trata-se de um trabalho de "revelação", o que é fundamental em Religião, pois não há Religião sem "revelação", sem profetismo.

O livro expõe a filosofia do espírito e da vida, sem contudo demonstrar antes, cientificamente, a existência, a sobrevivência e a comunicabilidade mediúnica dos espíritos, o que é próprio da Religião e não da Ciência. A ciência, em Espiritismo, vem mais tarde, com Richet, Geley, Myers, Bozzano e outros, embora tivesse sido iniciada por Flammarion e Delane, no tempo de Kardec.

No prefácio desse livro se lê, como observação dos espíritos que o ditaram, em referência à missão codificadora de Kardec: "Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho nosso é. Nele pusemos a base de um novo edifício que se eleva e que, um dia, há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade". Ora, unir os homens pelo amor e pela caridade é tarefa puramente religiosa, foi sempre a preocupação precípua da Religião, e nunca foi cogitação da Ciência.

O "Livro dos Espíritos" se inicia com o capítulo referente a Deus, e termina com o das penas e recompensas depois da morte, temas puramente religiosos.

* * *

À pág. 295, afirmam os espíritos que o ditaram: "Estamos incumbidos de preparar o reino do Bem, que Jesus anunciou. Daí a necessidade de que a ninguém seja possível interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e caridade".

Vê-se que está bem claro: a finalidade dos espíritos, ao ditarem aquela obra, era a de "preparar o reino do Bem que Jesus anunciou", finalidade puramente religiosa, isto é, finalidade que foi sempre o objetivo da Religião e que jamais entrou nas cogitações daquilo que, até hoje, temos chamado de Ciência.

Como se vê, o "Livro dos Espíritos", é uma obra filosófica que tem todas as características religiosas,

inclusive as suas finalidades, não apresentando o aspecto científico, apesar do rigor de sua lógica. A ciência propriamente dita não procederia daquela forma, ao passo que a Religião não enveredaria por outro caminho. Profundamente alicerçado no bom senso e na lógica, é uma obra filosófico-religiosa e não filosófico-científica. Vê-se, pois, que o ponto de partida e o esteio máximo de Kardec não foi o científico, para daí tirar as consequências morais, filosóficas ou religiosas, mas sim essa síntese filosófica-religiosa ditada pelos espíritos, contendo já, em si mesma, as bases, a orientação e a finalidade geral da doutrina que passaria a se chamar Espiritismo. Aliás, é o próprio Flammarion — que considerava o Espiritismo como ciência — quem o diz diante do túmulo de Allan Kardec. Eis suas palavras, seu conceito acerca do sentido da obra codificada por Kardec: "Increpou-se ao digno amigo a quem rendemos hoje as nossas últimas homenagens, não ser ele o que se chama um sábio, não ter sido um físico, um naturalista, um astrônomo, e ter preferido constituir um corpo de doutrina moral, a aplicar a discussão científica à realidade, à natureza dos fenômenos. Talvez fosse melhor que as coisas tivessem assim começado. É preciso não amesquinhar o valor do sentimento. Quantas consolações tem levado aos corações essa crença religiosa!

Quantas lágrimas ela tem enxugado! Quantas consciências se têm expandido aos raios da beleza espirita"...

... "Tivesse Allan Kardec sido homem de ciência e, sem dúvida, não teria podido prestar esses benéficos serviços, nem propagar à distância o estímulo aos corações. Ele foi o que chamarei o bom-senso encarnado. Razão firme e judiciosa, applicava, sem descanso, à sua obra, as íntimas indicações do senso comum. Não era essa uma finalidade de somenos importância na ordem das coisas que nos ocupam. Era, seguramente, a primeira de todas e a mais pre-

cisa, sem a qual a obra não se teria popularizado, nem distendido pela Terra as suas grandes raízes”.

* * *

2.º) “O Livro dos Médiuns”.

É estudo aprofundado e, em certos pontos, científico, da mediunidade, que é o profetismo, elemento básico e imprescindível da Religião, a qual é fruto da “revelação” que vem pelos “profetas”. Procurando firmar em bases científicas o mediunismo, Kardec estava apenas consolidando essa porta-aberta da Religião, bem como estabilizando os princípios religiosos verdadeiros. O objetivo indireto e último do “Livro dos Médiuns” era, pois, consolidar a Religião, obrigando a humanidade a tomar a sério e aceitar com bases seguras o “mediunismo”, elemento primordial da Religião, bem como o são, também, Deus e o espírito, elemento que, só daí por diante, passou a ser estudado e utilizado também pela ciência.

* * *

Nesse livro Kardec classifica os espíritas em: a) experimentadores; b) imperfeitos; c) verdadeiros ou cristãos. Para a humanidade, pelo menos até hoje, o Cristo é pura Religião e não Ciência; ora, se o espírito verdadeiro, no dizer de Kardec, é o espírito cristão, segue-se que o Espiritismo verdadeiro também será o cristão e, portanto, o religioso. O espírito, pois, não será verdadeiro espírito enquanto não compreender a viver o Espiritismo como Religião ou Cristianismo, considerado, é claro, o Cristo como o paradigma religioso da humanidade, o caminho que conduz a criatura humana ao Criador.

3.º) Por ordem, vêm agora “O Evangelho Segundo o Espiritismo” e o “Céu e Inferno”, livros cujos temas falam por si sós acerca de seu caráter fundamentalmente religioso, pois tanto um como outro jamais foram temas que preocupassem a Ciência, sendo, no entanto, temas básicos da Religião.

* * *

Kardec dedica cerca de um sexto do "Evangelho Segundo o Espiritismo" a considerações acerca da prece, que é outro elemento característico da Religião e não da Ciência. Nesse livro o Codificador afirma categoricamente: "O Espiritismo representa, pois, a obra de Cristo, por Ele mesmo presidida". Ora, a obra do Cristo é religiosa, genuinamente religiosa; como, pois, sendo o Espiritismo a obra do Cristo, não é ele Religião, quando o mesmo Cristo se revelou A Religião, ao afirmar decidida e enfaticamente: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; NINGUÉM vai ao Pai SENÃO por mim"!

* * *

4.º) Vem agora a "Gênesis", o livro mais científico, o único propriamente científico da codificação. Ele se divide em três capítulos: 1) Deus e a gênese universal; 2) Milagres dos Evangelhos; 3) Predições dos Evangelhos. Embora todos os três capítulos sejam abordados por Kardec com cunho científico, apenas o primeiro é da cogitação da Ciência, no que se refere à gênese universal, ao passo que os três sempre constituíram cogitação importante, da Religião. Procurando esclarecer cientificamente os assuntos versados nesse livro, ainda uma vez vemos o objetivo de Kardec: firmar em bases científicas e lógicas os conhecimentos e as revelações próprias da Religião, ceifando o joio e enaltecendo o valor do trigo. Tarefa científica, visando prestigiar, indiretamente, a Religião.

Nesse livro Kardec faz as seguintes afirmativas, de grande interesse para a elucidação do tema que ora procuramos aprofundar, para esclarecer: "O Espiritismo encerra todas as condições do Consolador prometido por Jesus"... "A doutrina de Moisés incompleta, derramou-se por toda parte, pelo cristianismo, mas não converteu o mundo inteiro; o espiritismo, mais completo ainda, tendo raízes em todas as cren-

* * *

ças, converterá a humanidade"... "O espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo como Este partiu de Moysés, é consequência direta desta doutrina".

Eis aí conceitos de altíssimo alcance: O Espiritismo é o Consolador, o Paráclito, o Espírito da Verdade prometido por Jesus!

Que ele o é realmente, demonstraremos mais adiante. Por enquanto, apenas lembramos que a finalidade do Espiritismo é a de Jesus, o qual volta ao mundo para ajudar os homens a "rememorar", em espírito, os Seus ensinamentos, completando-os concomitantemente; é a Religião científica que se instalará definitivamente na Terra, e sem apelos. Cumprir-se-á dentro em breve, no Espiritismo-cristão, a "profecia" de Flammarion: A religião do futuro será científica e se caracterizará pela uniformidade de seus conceitos.

Eis, a esse mesmo respeito, o que nos diz Kardec, na própria Gênese, acerca da Religião do futuro: "No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião que deverá unir um dia todos os homens sob a mesma bandeira será aquela que melhor satisfizer à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; aquela que, em nenhum ponto, for desmentida pela ciência positiva; aquela que, em vez de se imobilizar, seguir a humanidade em sua marcha progressiva sem se deixar jamais exceder; aquela que não for exclusiva e nem intolerante; aquela que for emancipadora da inteligência, só admitindo a fé raciocinada; aquela cujo código de moral for o mais puro, o mais racional, o mais em harmonia com as necessidades sociais; a mais própria, em suma, para fundar na Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternização universal".

Quem não vê, nessa descrição judiciosa, o Espiritismo-cristão ou o Cristianismo-espírita? Falta, porventura, ao espiritismo alguma dessas características?

Haverá no planeta outra doutrina que satisfaça integralmente todas essas condições?

* * *

Como se viu, a codificação Kardeciana é quase que cem por cento de natureza filosófico-religiosa ou filosófico-moral, o que vem a ser a mesma coisa, pois que a moral da Religião e a moral do Espiritismo se baseiam ambas na filosofia espiritualista da vida; espiritismo moral é sinónimo de espirito-religioso, do ponto de vista filosófico.

Kardec, depois da revelação do "Livro dos Espíritos", aplicou toda essa base filosófica, revelada, ao Cristianismo, de tal maneira que se pode afirmar, com segurança, que Kardecismo é Espiritismo-cristão. Ora, sendo o Cristianismo Religião, por que não o há de ser também o Espiritismo codificado por Kardec?

* * *

A ciência real, na codificação, consta apenas da Gênese e de alguns capítulos do "Livro dos Médiuns"; mesmo assim em minoria relativamente aos capítulos de feição moral ou religiosa.

A "ciência" de Kardec era: a lógica, o seu bom-senso em afirmar e firmar princípios; o cuidado que tomou para que a doutrina não percesse logo de início; o desvelo manifestado no sentido de que ela, a doutrina, permanecesse e realizasse sua elevadíssima tarefa de redenção; a clareza e a lógica de sua exposição, a fim de que se tomasse inteligível para todos, inclusive para o povo; o cuidado que tomou evitando os dogmas e as afirmativas temerárias que o tempo e a razão pudessem destruir. Nisso consistia a "ciência" de Kardec. Quem desejar aquilo que, com mais propriedade ou mais vulgarmente se chama de ciência, em Espiritismo, deve procurar Geley, Bozzano e essa série de Aksakofs e de Lodges dos tempos posteriores a Kardec. É com eles que está o Espiritismo verdadeiramente científico. Kardec vem no setor fi-

losófico, que é o setor de maior importância, porque é o que reforma e redime, enquanto que o setor científico apenas esclarece. Daí a superioridade incontestável da codificação de Kardec sobre todos os trabalhos puramente científicos da Doutrina. Em Espiritismo jamais alguém se equiparou a Kardec.

* * *

5.º) Penetremos agora em "Obras Póstumas" e retiremos de lá aquilo que nos interessa para a elucidação do tema, Espiritismo-religioso ou o Espiritismo como Religião ou ainda: Kardec e o Espiritismo-religioso.

À pág. 247, lemos: "O espiritismo é uma doutrina filosófica que tem consequências religiosas como toda filosofia espiritualista, pelo que toca forçosamente nas bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a vida futura. Não é ele, porém, uma religião constituída, visto que não tem nem culto, nem rito, nem templo, e entre os seus adeptos nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou "papa". Logo, não sendo ele uma religião constituída, é uma religião não constituída, quer dizer, sem ritos, sem culto externo, sem sacerdotes hierárquicos, etc. etc.. Diz Kardec que "o espiritismo é uma doutrina filosófica" e, evidentemente, espiritualista; mas o que vem a ser Religião senão doutrina filosófica espiritualista? O Cristianismo não é também uma doutrina filosófica? E o mosaísmo, o budismo e as demais religiões não o são também? Percebe-se claramente, agora, por que motivo Kardec tinha receio em declarar públicamente que o Espiritismo é religião: temia que o interpretassem como conjunto de dogmas, de hierarquia sacerdotal, de privilegiados com direito a perdoar pecados e absolver almas.

À pág. 288, diz um dos espíritos orientadores de Kardec: "O espiritismo está destinado a representar importantíssimo papel na Terra; cabe-lhe reformar a

legislação, via de regra contrária às leis divinas; cabe-lhe retificar os erros da história e apurar a religião do Cristo, transformada, nas mãos dos padres, em comércio e tráfico vil. *Ele instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai direta a Deus, sem dependência de sotaina alguma ou dos degraus de nenhum altar. Ele extinguirá, para sempre, o ateísmo e o materialismo*". Quem ousa ainda afirmar que o Espiritismo não é Religião? Teria, porventura, se afastado da verdade esse mentor espiritual de Kardec? Novamente voltam esses espíritos orientadores do codificador a falar, à pág. 298, referindo-se agora à nova obra que Kardec ia lançar, "O Evangelho Segundo o Espiritismo": "Aproxima-se a hora em que deverás abertamente declarar o que é o Espiritismo, e mostrar a todos onde está a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo: aproxima-se a hora em que, à face do Céu e da Terra, deverás proclamar o Espiritismo como a única tradição verdadeiramente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana". Observemos bem o que disse o mentor espiritual: "Aproxima-se a hora em que deverás abertamente declarar o que é o Espiritismo"; portanto, até então Kardec não havia declarado abertamente, o que era o Espiritismo e, no entanto, já havia escrito "O Livro dos Espíritos", "O que é o Espiritismo" e o "Livro dos Médiuns". O espírito deixou bem claro que Kardec devia mostrar que o Cristianismo voltava a abençoar e orientar o mundo pelo Espiritismo, o novo Paráclito que Jesus nos prometera. Eis aí tudo, e muito bem claro. Esse o verdadeiro e único conceito que devemos fazer do Espiritismo, pois é isso o que ele é: Cristianismo redivivo e em progressiva complementação.

* * *

Mais adiante, à pág. 365, diz Kardec: "A constituição do Espiritismo tem, pois, por complemento necessário, um programa de princípios definidos no que

respeita à crença, sem o qual ele seria uma obra balda de alcance e de futuro. Este programa, fruto da experiência, será o farol indicador do caminho. Para marchar com segurança, a par da constituição orgânica, é preciso a constituição da fé, um credo, se quiserem, que seja o centro convergente de todos os adeptos". Veja-se que capital importância concedeu o codificador a esse "credo", a essa "constituição da fé", mostrando que era em torno disso que se reuniriam os espíritas para cumprirem a finalidade da doutrina redentora a qual, sem esse credo ou essa constituição da fé, seria "uma obra balda de alcance e de futuro". Isso não revela categoricamente a relevante importância do aspecto religioso do Espiritismo?

Por fim, leiamos o que está contido na pág. 382 de "Obras Póstumas": "Não desprezemos as crenças do passado, por mais imperfeitas que sejam, uma vez que conduzam ao bem. Elas estavam em relação com o atraso da humanidade; tendo esta, porém, progredido, reclama crenças que estejam em harmonia com suas novas ideias". Eis aí a necessidade da atual "crença" espírita, a qual veio esclarecer, completar ou substituir aquelas crenças que não quiseram ou não puderam acompanhar o progresso da humanidade. O Espiritismo, como Religião científica, enfrentando e esclarecendo a razão humana acerca dos problemas da vida espiritual, satisfaz, ao mesmo tempo, as exigências da mentalidade essencialmente racionalista do século XX, como preenche os enormes anseios de paz e consolação do coração angustiado e aflito da nossa época.

* * *

6.º) Voltemos agora ao "O que é o Espiritismo".

Antes, porém, relembremos a ordem da codificação: 1857: "O Livro dos Espíritos"; 1859: "O que é o Espiritismo"; 1861: "O Livro dos Médiuns"; 1864: "O Evangelho Segundo o Espiritismo"; 1865: "O Céu e o

Inferno"; 1868: "A Gênese, os Milagres e as Predições"; 1869: o trabalho inacabado que passou para a história do Espiritismo como "Obras Póstumas". Como se vê, o livro: "O que é o Espiritismo", no qual Kardec diz não ser o Espiritismo religião, foi o seu segundo trabalho, publicado em 1859, dois anos depois do "O Livro dos Espíritos". Querem alguns que Kardec evoluiu na sua idéia religiosa, de 1857 a 1869, o que é muito natural, mórmente considerando-se que ele já tinha em si o principio religioso e não foi por obra do acaso que sua codificação veio com o pseudônimo Allan Kardec, nome que Rivaill tinha quando era sacerdote druída e, já naquela época, reencarnacionista. Penso que Kardec não evoluiu propriamente na sua idéia, mas apenas a tornou mais clara, declarando que, para o povo, para o vulgo, a idéia de religião vem acompanhada e quase que condicionada à idéia de culto externo, de hierarquia sacerdotal, de privilégios especiais face à comutação dos peccados humanos, o que, em absoluto, não existe no Espiritismo, como não existiu no Cristianismo, do qual aquele é o restabelecimento, a continuação e o natural complemento. Para evitar essa confusão, esse conceito falso que o povo teria da doutrina espírita, foi que Kardec evitou, no início de sua codificação, apresentar o Espiritismo como religião. Talvez, além desse motivo, influísse um outro: o poderio absoluto do clero no tempo de Napoleão III; Kardec agiu, pois, com prudência e só veio a declarar, de modo categórico e insofismável, ser o Espiritismo, filosoficamente falando, Religião, quando as idéias se tinham amadurecido e quando sentiu já afastado o perigo de uma sufocação da doutrina por parte do clero. Talvez tenha influido nas concepções iniciais de Kardec também o fato de não ter ele talvez, logo de início, percebido ser o Espiritismo a continuação do Cristianismo, convicção que ele veio a ter logo mais tarde, orientando então, para esse lado, toda a codificação.

Precisamos ainda tomar em consideração o fato de possuir Allan Kardec uma única palavra para indicar, ao mesmo tempo, o fenômeno físico do mediunismo (pelo qual vem a revelação dos espíritos) e a doutrina que os espíritos revelaram. O fenômeno é que é científico, é natural e universal, e a ele se pôde aplicar todo o rigor exigido pela ciência na demonstração da existência, da sobrevivência e da comunicabilidade do espírito. A doutrina revelada, essa é filosofia, e filosofia de finalidade essencialmente religiosa, pois abarca o conteúdo integral que sempre foi a cogitação da Religião: Deus, espírito, evolução. A esse conteúdo doutrinário revelado, não se pode, evidentemente, aplicar os rigores da ciência, embora estejam os seus princípios alicerçados na mais pura lógica, no mais profundo critério filosófico, razão por que o Espiritismo não os impõe como atos de fé, mas apenas os expõe à meditação acurada dos homens; a aceitação deles deve ser conciente e voluntária. Assim, quando na linguagem de Kardec nós o vemos afirmar que o Espiritismo é Ciência, quer ele se referir ao aspecto mediúnico, ao problema da existência, da sobrevivência e da comunicabilidade do espírito; quando o codificador afirma que o Espiritismo é uma doutrina filosófica ou moral, é que ele não está mais se referindo ao fenômeno mediúnico, mas sim ao conjunto de princípios revelados pelos espíritos que o orientaram, revelação feita através da mediunidade. Eis porque afirmamos ser o Espiritismo codificado por Kardec uma filosofia religiosa de base científica.

Para entendermos o espírito da letra contida em "O que é o Espiritismo", precisamos ter em vista todas essas considerações, não nos esquecendo de que, na época de Kardec, o imperialismo católico na França era absoluto, e falar em religião era o mesmo que falar em catolicismo romano. As dificuldades de Kardec eram, pois, enormes e ele se saiu muito bem.

A contradição entre a orientação filosófica-religiosa que imprimiu à Doutrina, e suas palavras em "O que é o Espiritismo", afirmando que o Espiritismo não era religião, é apenas aparente; realmente não existe contradição.

Senão, vejamos. Diz Kardec:

"Seu verdadeiro caráter (o do Espiritismo) é, pois, o de uma ciência e não o de uma religião; e a prova disso é que ele conta, entre os seus adeptos, homens de todas as crenças que, por esse fato, não renunciaram às suas convicções... Ele repousa, por conseguinte, em princípios independentes das questões dogmáticas". Eis aí; o codificador se refere aqui ao fato mediúnico, o qual pode ser aceito por crentes de outras doutrinas religiosas que não o Espiritismo; é o que se está processando hoje entre os sacerdotes ingleses e norte-americanos, os quais aceitam a manifestação dos mortos, pelo mediunismo, sem, contudo, se orientarem por aquela doutrina que os espíritos revelaram a Kardec, e que é doutrina reencarnacionista. Se Kardec tivesse se referido à Doutrina espírita e não ao fato mediúnico, ele teria afirmado uma inverdade, pois os protestantes e os católicos não aceitam nem a reencarnação nem a doutrina da salvação para todos e, portanto, não podem se dizer espíritas. Foi nesse mesmo sentido que ele afirmou também que o Espiritismo vem prestar um grande auxílio à Religião, porque demonstra cientificamente a imortalidade pela comunicabilidade do espírito através do mediunismo, o que as religiões nunca conseguiram fazer de modo tão amplo e tão evidente. A "ciência" do conteúdo filosófico revelado consistia em "repousar em princípios independentes das questões dogmáticas", quer dizer, a doutrina nisso se assemelhava mais ao rigor da ciência que àquela imposição de dogmas que era a característica do clero, e ainda o é; isso é que o Espiritismo não faz e por isso Kardec, para evitar confusão, disse que ele não era religião. Foi por isso

mesmo que ele afirmou ser o espiritismo uma doutrina filosófica.

Eis outra expressão do codificador em "O que é o Espiritismo", livro publicado em 1859, e para esclarecer e atrair o crítico, o cético e o clericalista: "O Espiritismo é uma ciência que, repito, tem consequências morais que são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião; quanto às questões secundárias ele as abandona à consciência de cada um". Eis de novo que ele se refere ao fato mediúnico e daí dizer que é ciência; ao conjunto de princípios revelados ele chamou "consequências morais que são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião". Ele está indicando, pois, ainda uma vez, que a Doutrina revelada é de caráter religioso, e que a fonte da revelação é que é científica.

Eis um exemplo em que a expressão "Espiritismo" tanto pode indicar o fenômeno mediúnico como o conteúdo filosófico da Doutrina revelada: "Eis por que, sem ser uma religião, o Espiritismo se prende essencialmente às ideias religiosas, desenvolvendo-as naqueles que não as possuem, fortificando-as nos que as têm incertas". Tanto a demonstração da sobrevivência pode tornar adepto de uma religião um materialista, como o conteúdo filosófico do Espiritismo pode tonificar a crença titubeante de algum religioso que tenha certas dúvidas acerca do conceito de Deus, da evolução do espírito, das desigualdades sociais físicas, intelectuais, morais e econômicas, bem como quanto ao que aguarda a alma depois da morte do corpo. Seria um contrasenso afirmar que tal doutrina não constitui Religião no seu elevado significado filosófico; não é religião para não se confundir com o catolicismo, que era então, e ainda o é, para muitos povos do ocidente, o paradigma religioso. Uma ciência, ou uma filosofia, que se prenda essencialmente às ideias religiosas, trazendo fé ao materialista e tonifi-

cando a fé no crente dúbio, evidentemente só pode ser ciência religiosa ou filosofia religiosa.

Eis, por fim, uma expressão de Kardec em que ele usa a palavra Espírito para significar, não mais o fenômeno científico do mediunismo, mas apenas o conjunto dos princípios filosóficos que constituem a Doutrina: "O Espiritismo era apenas uma simples doutrina filosófica; foi a igreja que lhe deu maiores proporções, apresentando-o como inimigo formidável; foi ela quem, enfim, o proclamou nova religião". Aqui, como se vê, ele define o Espiritismo como "doutrina filosófica" e não como ciência; é que o que estava em jogo eram os princípios dela, e não a sua base prática. O clero viu logo que essa doutrina era religiosa e vinha se opor ao processo, às práticas e a muitos ensinamentos do catolicismo; essa era, é e será a grande adversária do catolicismo, mas não competirá com ele senão no campo filosófico, jamais se preocupando com o culto externo e a hierarquia sacerdotal característica da religião católica, característica essa que, repito, era, é e talvez ainda por certo tempo será tida como a característica da religião; ou é como o clero e é religião, ou não é como o clero e não é religião; nesse sentido foi que Kardec afirmou que o Espiritismo não era religião.

* * *

Há nesse mesmo livro uma afirmação de Kardec que logo nos revela o quanto o Espiritismo é Religião no seu sentido verdadeiro, no seu sentido filosófico. Eis-la: "Os espíritos proclamam um Deus único, soberanamente justo e bom; eles dizem que o homem é livre e responsável por seus atos, remunerado ou punido pelo bem ou pelo mal que houver feito; colocam acima de todas as virtudes a caridade evangélica e a seguinte regra sublime ensinada pelo Cristo: Fazer aos outros como queremos que nos seja feito. Não são esses os fundamentos da religião?" Ora, se o Espiritismo ensina exatamente os fundamentos da

religião, por que não será então religião? É que não tem o culto externo e a hierarquia sacerdotal comuns às religiões até hoje existentes na Terra; isso, porém, é de somenos importância, pois o que reforma, edifica e eleva para o Criador é exatamente aquilo que o Espiritismo traz: o culto interno, feito de princípios filosóficos espiritualistas sólidamente alicerçados na lógica, na razão e nos fatos naturais, e aquele desideratum imperioso da reforma íntima.

Quem lesse todas essas afirmativas de Kardec nesse livro "O que é o Espiritismo" ficaria sem entender por que Kardec afirma uma coisa e dá margem a que se fique na dúvida, dando, ele mesmo, os elementos que mostram ao leitor que o Espiritismo é religião. Realmente haveria aí uma certa contradição, não só com as palavras dessas citações, como também com a orientação geral de toda a codificação que, como já vimos, é fundamental e predominantemente religiosa. Lendo-se, estudando-se o conjunto das obras e das afirmativas, chega-se, porém, à conclusão de que a contradição é apenas aparente, e que Kardec foi a ela levado pelos motivos aqui já expostos. Procedesse logo de outra forma, talvez ele tivesse impedido a implantação da doutrina. Seja pelas razões aqui expostas, seja porque evoluisse em relação ao conceito do Espiritismo como Religião, o fato é que Kardec, felizmente, deixou bem claro esse conceito e nunca o fez com tanta precisão como em seu último discurso, proferido no dia 1.º de Novembro de 1868, isto é, cinco meses antes de sua desencarnação. Levado pela sua própria consciência ou pela imposição intuitiva de seus mentores espirituais, os quais evidentemente sabiam de sua próxima desencarnação, Kardec fala com clareza meridiana sobre esse assunto. Senão, vejamos: "Se assim é, dirão, o Espiritismo então é uma religião? Perfeitamente! Sem dúvida; no sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos ufanamos disso"... "Por que en-

tão declararíamos que o Espiritismo não é uma religião? Por isso que só temos uma palavra para exprimir duas idéias diferentes e porque, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto: revela exclusivamente uma idéia de forma, e o Espiritismo não é isso. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público, só veria nele uma nova edição, uma variante, se assim nos quisermos expressar, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; o público não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais sua opinião se tem levantado tantas vezes. Não possuindo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia nem deveria ornar-se com um título sobre o valor do qual inevitavelmente se estabeleceria a incompreensão; eis por que ele se diz simplesmente doutrina filosófica e moral".

Os grifos de todo esse trabalho são meus e os uso aqui para ressaltar que Kardec temia a incompreensão DO POVO, o qual não sabe separar o joio (culto externo) do trigo (culto interno), em Religião, o que levaria a uma falsa interpretação do Espiritismo. Porém, no conceito verdadeiro de Religião, no conceito elevado, puro, filosófico, Kardec, deixou claro que o Espiritismo é Religião. Fundido como está com o Cristianismo verdadeiro de há dois mil anos, o Espiritismo não é só religião, mas, como Cristianismo redivivo, a essência religiosa, o cerne da Religião, a própria Religião que será conhecida, aceita e vivida pela humanidade do futuro, e não apenas UMA religião ou uma seita cristã.

Religião, do ponto de vista elevado por que a encaramos, é filosofia que cuida das leis divinas que regem a vida espiritual, e que estabelece as normas de conduta, individuais e coletivas, que levam as criaturas à realização consciente da Vontade do Criador; existem, pois, nela, duas necessidades impe-

riasas: uma de conhecimento, outra de sentimento. Sendo seu objetivo a realização do Reino de Deus, e estando esse reino dentro de nós, e não fóra, conclue-se que o culto externo está totalmente excluído do sentido verdadeiro de Religião, a qual prescinde dele, que se nos apresenta, pois, como mera e provisória contingência dos espíritos pouco evoluídos que não sabem se desvencilhar das coisas de natureza material e illusória na realização das coisas espirituais e definitivas. Assim, pois, o conceito verdadeiro sobre uma determinada religião estará sempre na razão inversa do seu culto externo, e na razão direta do seu culto interno, feito de conhecimento e de sentimento.

Evoluimos para essa Religião, que foi a de Jesus, e já nos desvencilhámos de muita coisa do culto externo, aproximando-nos, mórmente nós, os espíritas, daquele culto a que se referiu Jesus quando disse à mulher samaritana: "Dia virá em que não adorareis a Deus nem nesse monte, nem em Jerusalém, mas sim em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai deseja que o adorem".

O paradigma religioso é Jesus, e nenhuma doutrina filosófica, científica ou religiosa impele mais a humanidade atual para essa perfeição religiosa do que o Espiritismo, o qual traz ao mundo uma concepção mais aproximada de Deus, instruindo os homens sobre todos os princípios para uma convicção científica da existência e sobrevivência do espírito, mostrando-lhes, com clareza meridiana, o caminho da evolução espiritual, a aproximação, cada vez mais íntima e mais consciente, do filho com o Pai, da criatura com o Criador, marcha essa que é a essência e a finalidade máxima da Religião.

* * *

Concluindo, diremos que, sendo a codificação de Kardec o eixo em torno do qual gira o Espiritismo e,

sendo essa codificação, como vimos, claramente prevalente, no seu caráter filosófico-religioso, sobre seu aspecto científico, julgamos ser muito mais acertado considerar o Espiritismo Kardeciano como uma filosofia religiosa de base científica, do que como uma ciência de consequências religiosas, mesmo porque a ciência espírita vem depois de Kardec e, estando a essência da Doutrina com o codificador, não é lógico, nem justo, supor ou considerar que essa essência provenha de algo que vem depois dela.

Esse conceito que aqui exponho, e que é o que aceito e adoto, está de pleno acordo com as palavras de Emmanuel, à pág. 183 de "A Caminho da Luz": "A tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas".

Aliás, essa afirmativa tão clara e categórica, de Emmanuel, está condizendo perfeitamente com aquela outra contida em "Obras Póstumas", à pág. 264, quando Kardec se refere à primeira mensagem mediúnica que recebeu acerca de sua missão e que diz textualmente: "Não haverá diversas religiões, nem há mister senão de uma, que é a verdadeira, grande, bela e digna do Criador... Os seus primeiros fundamentos já foram lançados. Rivaíl, a tua missão é essa". E diz Kardec: "A cesta, libertando-se, voltou-se para mim rapidamente, como faria uma pessoa que me apontasse com o dedo. Foi a primeira revelação positiva de minha missão e confesso que, quando vi a cesta dirigir-se bruscamente para mim e designar-me pelo meu nome, não pude conter profunda emoção". Eis aí: a missão de Kardec era religiosa; por isso ele nunca deixou de fazer o Espiritismo trilhar o caminho do Cristianismo. Kardecismo é Espiritismo-cristão.

Kardec cumpriu a sua missão, a tarefa de que lhe incumbira o Divino Mestre e, graças a ela, o

edifício da crença será reorganizado nas bases do Cristianismo verdadeiro, e a civilização humana será reconduzida, pelo Espiritismo-cristão, às suas profundas bases religiosas. O Espiritismo, "tendo raízes em todas as crenças", é o denominador comum de todas elas e será, pois, em torno dele que, segundo penso, se realizará a unificação religiosa do planeta, tendo, como base científica, a mediunidade (sobrevivência); como base filosófica, a lei da evolução (reencarnação) e, como base moral o espírito de solidariedade universal, princípios esses que corresponderão, respectivamente, aos aspectos da lógica, de estética e de ética da Religião do futuro.

* * *

Penso que atingi a meta que visei e que, depois de meditar sobre tudo o que aqui ficou relatado, ninguém ousará mais afirmar que o Espiritismo não é Religião.

* * *

Foi o que conseguimos alinhar, e penso que isso baste para elucidar o tema "Kardec e o Espiritismo religioso". Devemos e podemos, porém, prosseguir, para a elucidação do outro tema: "O Espiritismo como Religião". É o que vamos fazer, mostrando que o Espiritismo é a continuação do Cristianismo, como o novo Paráclito, como o Espírito Consolador, como o Espírito Verdade prometido por Jesus.

O ESPIRITISMO COMO CONTINUAÇÃO DO CRISTIANISMO

O Espiritismo encerra todas as condições preconizadas para a caracterização do Espírito Consolador que, em tempo oportuno, isto é, quando a humanidade já pudesse comportar o complemento de seus próprios ensinamentos, Jesus nos enviaria.

Afirmando que o Consolador ficaria conosco para sempre, esclareceu Jesus que não se tratava de seres encarnados, e, de fato, o Espiritismo vem pelos desencarnados, edificando-se em Doutrina, a qual acompanhará o homem, esclarecendo-o cada vez mais, de acordo com a capacidade e com a necessidade da humanidade encarnada.

* * *

"O mundo não vê o Parácleto, nem o conhece, mas vós o conhecereis, porque ele habita convosco e estará em vós". Realmente, os encarnados, exceto os videntes, não vêem os espíritos e geralmente não sentem a sua influência, mas os adeptos os sentem junto de si, falam com eles pela mediunidade dos novos profetas e, pela própria mediunidade intuitiva, sentem a presença e a inspiração desse Consolador.

* * *

"Ele vos dirá o que está para vir".

Ora, a faculdade da premonição, acerca dos fatos individuais e coletivos, é uma das características do mediunismo, ficando assim nós, os espíritas, a par de muitos fatos que estão por se realizar, embora nenhum de nós realize sessões mediúnicas com tais objetivos.

* * *

"Ele vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito".

De fato, pelas elucidações trazidas pelo Espiritismo, nós vamos tirando o joio que foi misturado ao trigo, nos Evangelhos, esclarecendo textos, pondo em harmonia filosófica o conjunto evangélico, percebendo claramente, através da letra que mata, o espírito que vivifica. Daí a interpretação espírita dos Evangelhos ser, em certos aspectos, diametralmente contrária ao ponto de vista dos católicos e dos protestantes, mórmente no conceito acerca de Deus, da evolução humana, das dores e das alegrias da vida após a morte do corpo físico.

Por fim Jesus diz, acerca do Parácleto: "Ele vos ensinará todas as coisas e vos conduzirá à Verdade".

Ainda aí o Espiritismo se manifesta digno do Consolador, pois vem nos oferecendo ou ampliando o conhecimento sobre uma série imensa de verdades e, entre elas: 1) A sobrevivência do espírito, que é por ele, e sòmente por ele, demonstrada cientificamente; 2) Jesus como o Cristo, isto é, como o mentor espiritual do planeta Terra, ensinamento que esclarece uma série de importantes afirmações evangélicas; 3) A reencarnação, com todo o acervo de suas consequências morais, filosóficas, científicas e teológicas; 4) A vida depois da morte. Os livros de André Luiz, no Brasil, e os do rev. Dale Owen, na Inglaterra, constituem uma verdadeira ciência da vida post-mortem, revelando o erro tremendo dos ensinamentos ministrados a esse respeito, pelas religiões ditas "cristãs", isto é, pelo catolicismo romano e pelo protestantismo; 5) A base científica dos ensinamentos morais e religiosos, verdadeiros; 6) O conceito de Filosofia da Vida, na síntese da Ciência e da Religião; 7) O problema do livre-arbítrio e do determinismo; 8) O pensamento e a vontade como forças plásticas e organizadoras. 9) O Karma ou a lei de ação e reação, regendo o princípio da Justiça Divina e a evolução humana; 10) A medicina psico-somática na sua verdadeira

e legítima acepção; 11) As relações entre a matéria, ou forma-efeito, e o espírito ou idéia-causa. Não bastam essas citações para afirmarmos que o Espiritismo está conduzindo a humanidade para a Verdade?

Realmente o Espiritismo traz consigo todas as características do Paráclito ou do Consolador; a Doutrina é a mesma e o seu Mestre o mesmo!

* * *

Deixando agora os capítulos referentes ao Consolador, folheemos as páginas dos Evangelhos e lá encontraremos outras mil analogias entre o Cristianismo de há dois mil anos e o Espiritismo de hoje.

Senão, vejamos:

Jesus determinou aos seus discípulos: "Ide; pregai a Boa-Nova; ressuscitai os mortos; curai os enfermos; expeli os demônios; dai de graça o que de graça recebestes".

Quem, no mundo de hoje, senão os espíritas, realiza todas essas determinações? Os espíritas, acordando para a grande realidade da vida espiritual as almas humanas, encarnadas ou desencarnadas, estão operando nelas a verdadeira ressurreição, aquela que sempre foi o objetivo de Jesus.

O afastamento de espíritos e as curas são parte integrante do Cristianismo, como se vê a cada página dos Evangelhos, e o mesmo se vem realizando hoje nas organizações espíritas bem orientadas, tudo feito sem a mínima remuneração financeira; assim como tais "dons" não são por nós comprados aos espíritos, também não são por nós explorados para com os nossos semelhantes.

* * *

Em sua "ressurreição", Jesus demonstrou a sobrevivência do espírito, a existência do corpo espiritual e a comunicabilidade dos desencarnados, verdade essas que só o Espiritismo demonstra hoje à luz dos fatos.

* * *

No batismo chamado "de Jesus", os novos discípulos passavam logo a falar linguas estranhas, linguagem diferente, e a possuir o dom da profecia, o que mostra que o tal batismo outra coisa não era senão o desabrochamento de faculdades mediúnicas em pessoas adredemente preparadas para isso. O "pentecostes" foi, talvez, a mais esplendente explosão mediúnica da História.

Paulo faz referência às sessões espíritas, aos vários tipos de mediunidade, e adverte no sentido de se saber se o espírito que se comunica procede de Deus ou não.

* * *

A transfiguração no monte Tabor não foi senão uma sessão espírita de materialização, e genuína, com todas as características das de hoje.

* * *

Diziam os adversários religiosos de Jesus que Ele agia em nome e por força de Belzebú; hoje os nossos adversários religiosos dizem de nós o mesmo.

* * *

Jesus foi anunciado com longa antecedência e não foi aceito como o Messias que havia de vir; o mesmo se dá hoje com o Espiritismo, em relação ao Consolador prometido, e o clero que hoje o combate como tal é bem semelhante à casta sacerdotal que, há dois mil anos, combateu Jesus como o Messias.

Jesus encontrou a concepção de um Deus prepotente e feroz, o deus dos exércitos, e o combateu, substituindo-o pelo Deus-Pai, pelo Deus-Amor; o mesmo se verifica hoje com o Espiritismo quando contraria os característicos de Deus apresentados pelo Catolicismo e pelo Protestantismo, o deus que cria o inferno, para o suplício, sem fim, de seus próprios filhos transviados.

* * *

O poder religioso da época de Jesus, embora com o conhecimento de verdades profundas, era eminentemente político, materializado, economicamente rico e essencialmente ambicioso das coisas do mundo material; Jesus foi o oposto; hoje se dá o mesmo contraste em relação ao catolicismo e ao espiritismo.

Como se vê, as analogias e semelhanças entre o Cristianismo e o Espiritismo são profundas e de sorte a nos autorizar a convicção de que a segunda doutrina é a continuação da primeira.

Em relação ao princípio das reencarnações e à salvação para todos, pregada pelo Espiritismo, a contradição com os textos evangélicos é puramente aparente, pois lá estão nítidas essas duas verdades básicas, nítidas para os que sabem ler o espírito da letra, e para os que procuram a harmonia dos textos evangélicos entre si.

Finalmente, com vistas à revelação divina feita a Pedro, acerca da pessoa de Jesus, lembremos que o Mestre prometera edificar a Sua igreja sobre a Palavra de Deus vinda pela revelação, revelação essa transmitida pelo mediunismo.

* * *

Perguntamos agora: sendo o Espiritismo continuação do Cristianismo, como o reconhece o próprio Kardec e, sendo o Cristianismo Religião, por que não há de ser Religião também o Espiritismo?

Os adversários do Espiritismo religioso poderiam alegar que o Cristianismo não é Religião, mas isso compete a eles demonstrar, e não a nós. O mundo inteiro tem o Cristianismo na conta de Religião e, se a Religião de Jesus era bem diferente da atual, cabe a esta última adaptar-se ao modelo que o Alto enviou à Terra, modelo de perfeição, que foi Jesus, cuja Religião se caracterizava pela obediência absoluta e consciente à Vontade de Deus; que tinha por templo a própria natureza; por altar a própria consciencia e, por finalidade, a pregação da Verdade e a exem-

plificação do Amor, tudo sentido e vivido na mais ampla humildade e na mais profunda sinceridade. Essa era a Religião de Jesus, Religião de espírito e Verdade, ligação permanente com a Vontade do Criador. Para lá caminhamos todos nós e lá chegaremos um dia.

Que Ele, o Cristo, sintetiza a Religião, a ligação com o Pai, é Ele mesmo quem o afirma nesta expressão textual: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim". Religião é essa ligação, esse caminho, essa vida que conduz a criatura ao Criador. Jesus Cristo, pois, não simboliza nem sintetiza uma religião, mas sim A Religião.

Ele é o Cristo, o Enviado para conduzir a humanidade à Lei, Lei essa em cujo nome Ele falava, pois estava nela e ela se refletia ao mundo terreno por intermédio d'Ele. "As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, faz as Suas obras". "A palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai que me enviou".

A Religião é a Revelação Divina que conclama e conduz à unidade, à união, à solidariedade universal. Jesus veio para exemplificar o Amor Divino, pois só por ele se conseguirá a união permanente e perfeita entre os homens, e entre o homem e Deus.

* * *

Que mais será preciso para demonstrar que o Espiritismo é Religião?

* * *

Na realidade, como ciência, sendo a Ciência do espírito, é a ciência das ciências e, como religião, sendo o prosseguimento do Cristianismo, não será uma religião, mas a Religião do terceiro milênio.

RICHET OPINA SOBRE A NECESSIDADE DE UMA RELIGIÃO

Dirigindo-me agora aos espíritas e aos espiritualistas metapsiquistas, os quais costumam ter fobia pela religião, detestando que se fale em Espiritismo religioso, quero lembrar-lhes apenas que a superioridade incontestável da Ciência metapsíquica sobre todas as demais ciências reside exatamente nas consequências morais e sociais que dimanam de seu estudo, isto é, das pesquisas científicas acerca da existência, da sobrevivência, da comunicabilidade do espírito e de seus poderes e suas faculdades; isso a faz se dirigir, pois, para as mesmas finalidades que sempre motivaram a existência das religiões. E, para que não pare dúvida alguma quanto à necessidade imperiosa da Religião, lembrarei aqui apenas as palavras do fundador da Metapsíquica, o exigentíssimo sábio que se chamou Charles Richet, tiradas de seu último livro intitulado: "Au Secours". Ei-las: "Sou forçado a confessar que o progresso das ciências (que tanto honram a inteligência humana e lhe melhoram as condições de vida material) não transformará a nossa mentalidade, nem nos dará outra concepção do dever"...

... "Supondo mesmo que, por miraculosos progressos, a biologia tenha conseguido afastar a odiosa marcha da velhice e dado à vida humana, não a existência de 500 anos, que seria absurda, mas uma duração média de cem anos, em substituição aos 50 anos da vida média atual, esse progresso não transformaria a nossa vida interior, não estabeleceria a verdadeira fraternidade entre os homens, fraternidade que substituirá o nosso insuportável orgulho, (es-

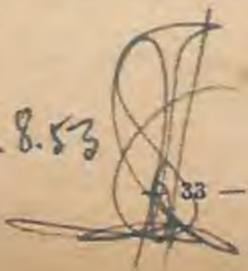
túpido, aliás), orgulho individual ou nacional, que nos torna criaturas miseráveis.

Em geral, essa transformação moral, que as ciências não nos podem oferecer, as religiões pretendem ocasionar e proclamam a fraternidade sem, contudo, a praticar. Esperemos pelo mundo novo que entrevemos em nossos sonhos do porvir ali pelos 2.035; 20.350; 203.500, ... que sei eu? Conhecerá ele uma nova religião? Racionalista inveterado, vejo-me obrigado a testemunhar que foi sempre uma religião quem dominou os homens. E religião é crença em forças morais que excedem as forças materiais. Os gregos, os romanos, os cartagineses, os gauleses, até mesmo os hunos, tinham uma religião que dirigia suas concepções e seus atos. Ora, hoje, depois das fogueiras, dos exílios, das torturas e das guerras sangrentas, quatro grandes religiões se estabeleceram e partilham o domínio do mundo. São elas, porém, tão fracas em suas invenções, perdendo-se com a fantasia dos dogmas ridículos, que se extinguirão um dia. Virá o momento em que o puritano de Baltimore, o pescador de Roscof, o trabalhador do Cairo, o parse de Calcutá, compreenderão que a sua fé não tem apoio senão em lendas inverossímeis contadas pelas amas de leite quando eles se encontravam no berço. Um momento virá (próximo ou longínquo, não sei) em que as cerimônias litúrgicas conservadas pela rotina (sem nelas crer) desaparecerão. Hoje mesmo elas já estão caindo em desuso. Nem mesmo entre os mais fanáticos cristãos, maometanos e judeus, existe a velha e sólida crença de outrora. Hoje, a dúvida universal domina. Ninguém possui a fé robusta do itálico, do francês, do alemão do século XI. Como sou audacioso, afirmo que a humanidade necessita de uma religião, de uma adoração que não seja a do dolo, e afirmo também que as concepções da humanidade futura alcançarão muito além da explicação material e mecânica das coisas que nos surpre-

endem. A vida não valeria o trabalho de ser vivida se tivéssemos somente o nosso corpo, mais ou menos infecto, para fazer viver, com suas enfermidades inelutáveis, debilidades e senilidades, e se a nossa existência intelectual não estivesse envenenada com os sentimentos baixos do egoísmo e da inveja.

Todas as religiões têm por principais dogmas a crença em um ou em vários deuses; a vida eterna; a sobrevivência, o desprezo de nossa frágil e rápida existência terrestre. Até mesmo entre os fetichistas mais atrasados há vaga idéia da existência futura. A crença na imortalidade é a base fundamental de todas as religiões. Os livros santos de todos os países ensinam que o nosso corpo possui uma alma que se desprende depois da morte dos andrajos carnis, subindo diretamente para um paraíso ou chafurdando-se num inferno, segundo o merecimento de cada uma. Que os deuses imortais nos preservem de traçar os lineamentos dessa religião futura; no entanto, no amontoado confuso das ciências metapsíquicas, há alguma coisa que nos permite nutrir esperanças. Essa nova religião, que pressinto nos sonhos vaporosos de minha imaginação, não será pregada por um Moisés, um Cristo, um Buda, um Maomé. Não terá Messias nem profetas mas, ao contrário das demais religiões, suas bases serão científicas. O inabitual e o imprevisto serão admitidos pela ciência". Eis aí o que nos afirma categoricamente o ilustre fundador da Metapsíquica. Até ele, racionalista por excelência, sentiu necessidade de uma religião para orientar a humanidade! E quem não percebe, desde logo, que essa religião científica dos sonhos de Richet só poderá ser a Doutrina Espírita?

Lido em 13.8.53



Este livro foi composto e impresso na:



**GRÁFICA
LINOTYPE**
LIVROS - JORNAIS
- REVISTAS
Ceiso Mesquita Leite
Rua Mem de Sá, 172
Tel. 32-4348 - S. Paulo